

ESPAÇOS DA PRODUÇÃO TÊXTIL E CONFECCIONISTA E MERCADO DE TRABALHO NO CEARÁ

Autor (01): Profa. Dra. Alexsandra Maria Vieira Muniz

Filiação institucional: Profa. Adjunta do departamento de Geografia da UFC. Pesquisadora
do Observatório das metrópoles núcleo Fortaleza

E-mail: geoalexandraufc@gmail.com

Autor (02) : Francisco Gabriel da Silva Neto

Filiação institucional: Bacharel em Geografia, Graduando de Licenciatura em Geografia pela
Universidade Federal do Ceará.

E-mail: silvanetoalunoufc@gmail.com

Autor (03): José Átila Abreu de Sousa

Filiação institucional: Graduando de Licenciatura em Geografia pela
Universidade Federal do Ceará

E-mail: atilasousa@alu.ufc.br

GT – 04: Economia urbana, trabalho, comércio e consumo

RESUMO:

A produção têxtil e confeccionista no Estado do Ceará é destaque tanto na dinâmica regional, como também possui relação com o desenvolvimento socioeconômico e espacial do território cearense com rede de influência transnacional, impulsionando o mercado de trabalho. Esta pesquisa quali-quantitativa de viés exploratório, tem como metodologia levantamento bibliográfico, coleta de dados quantitativos e elaboração de tabelas e mapas temáticos no recorte espacial do estado do Ceará entre os anos de 2010 a 2019. Objetiva analisar os impactos socioeconômicos e espaciais da produção têxtil e de confecção no território cearense e as consequências na estrutura produtiva e mercado de trabalho. Constatou-se a importância e influência da indústria têxtil e confeccionista nas taxas de empregabilidade em Fortaleza e em sua RMF. Embora com certa redução, ambos os segmentos continuam fortes no cenário cearense.

Palavras-chave: Confeção; Mercado de trabalho; Geografia.

INTRODUÇÃO

Diante do contexto maior de reestruturação capitalista, tem-se a descentralização da produção, reestruturação produtiva e espacial, privatizações, por isso ocorre um processo de desindustrialização em antigos espaços industriais e crescente refuncionalização e especulação imobiliária com a expansão do setor imobiliário, comandado pelo capital financeiro.

Por outro lado, a presença de concentrações regionais é uma das peculiaridades do segmento têxtil e de confecções. Destaca-se a existência de grandes polos regionais de produção têxtil e confeccionistas existentes no Brasil. Os principais polos estão localizados no Sudeste do País, nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, bem como no Sul, nos Estados do Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul, e, no Nordeste, nos Estados do Ceará e Pernambuco com crescentes incentivos fiscais, indústrias do setor têxtil e confecções localizam-se em várias cidades nordestinas.

Em geral, as políticas de industrialização consistem na oferta de infraestrutura física para atender as condições de produção industrial, como também se baseia na concessão de incentivos fiscais, representados pela isenção ou alíquota diferenciada de impostos. É neste contexto de mudanças que se insere o Estado do Ceará.

Projetos estruturantes no Estado (complexo industrial e Portuário Pecém, cinturão digital, cinturão das águas, HUBs aéreo, marítimo e de fibra digital) redefinem os circuitos da produção e da comercialização, diante da pressão do agronegócio, do capital financeiro, industrial, comercial e de serviços (educação, saúde, turismo e lazer).

As políticas sociais e setoriais e a ampliação dos investimentos públicos no experimento desenvolvimentista (RIBEIRO, 2017) trouxeram impactos relevantes decorrente da reconfiguração econômico territorial brasileira, com significativa expansão do emprego e da renda. Por outro lado, o período de crise e “inflexão ultraliberal” (RIBEIRO, 2017), sobre o mercado de trabalho indicam a redução dos empregos formais e da renda, bem como uma refuncionalização dos espaços intraurbanos.

Desta forma, o presente trabalho possui o objetivo de analisar os impactos socioeconômicos e espaciais da produção têxtil e de confecção no território cearense.

Especificamente, procuramos identificar os espaços da produção têxtil e confeccionista e o mercado de trabalho.

A metodologia desta pesquisa quali-quantitativa de viés exploratório, teve como base a realização de levantamento bibliográfico, coleta de dados em fontes oficiais como o IPECE, RAIS e IBGE, elaboração de tabelas e mapas, construção de uma hemeroteca virtual com notícias atuais sobre o setor industrial têxtil e confeccionista, já que o trabalho de campo ficou limitado em virtude da pandemia do covid-19.

A delimitação espacial desta pesquisa tem como recorte o Estado do Ceará, sobretudo os municípios com investimentos industriais, e a abrangência temporal da análise é dado ênfase, na última década, quando se impulsionam as transformações socioespaciais em curso.

Diante disso, utilizou-se dados do sistema RAIS nos anos de 2010 e 2019, período este escolhido por possuir semelhante metodologia de coleta e padrão de informações conforme CNAE 2.0. O ano de 2019 foi designado por ter sido na fase final da pesquisa o último ano dos dados disponibilizados pelo RAIS. Desta forma, estes anos foram escolhidos para apresentar as transformações durante a última década, possibilitando a análise da industrialização no estado, quais os seus impactos, principalmente no que tange ao nosso objeto de estudo, os espaços de produção têxtil e confeccionista no Ceará e as consequências na estrutura produtiva e mercado de trabalho.

Para além desta introdução, o artigo está assim estruturado: 2) A Indústria Têxtil e Confeccionista na Economia Urbana Cearense 3) A Indústria Têxtil e confeccionista no Ceará: Análises dos últimos 10 anos 4) Mercado de trabalho na Indústria Têxtil e Confeccionista Cearense nos anos 2010 e 2019 e na sequência as considerações finais.

1. INDÚSTRIA TÊXTEL E CONFECCIONISTA NA ECONOMIA URBANA CEARENSE.

Na perspectiva de que a atividade têxtil é um setor pioneiro na industrialização cearense, com 140 anos de existência, possui grande relevância na economia e na empregabilidade no Ceará.

Como ressalta Aragão (2002, p. 69),

A industrialização de tecidos e fios no Ceará, diferentemente de outros Estados, que investiram no setor desde o começo do século XIX, só vai ocorrer nas duas últimas décadas do século XIX, considerando-se que a primeira fábrica têxtil, a Fábrica Progresso, que foi idealizada em 1881 e registrada em 1882 com o nome de Pompeu & Irmãos, veio efetivamente a funcionar em 1883.

Seu surgimento está atrelado a abundante presença de matéria-prima (algodão), oriunda do interior do território cearense, sendo direcionada majoritariamente para Fortaleza, o que também contribuiu, inicialmente, para o desenvolvimento do gênero confeccionista na capital. Sendo assim, “os primeiros estabelecimentos industriais implantam-se nas cidades coletoras dos produtos agrícolas e em Fortaleza, principal ponto de escoamento da produção cearense”. (AMORA 2007: 371-372).

Desde 1883, com o início da produção da primeira fábrica têxtil (Fábrica Progresso) no Ceará até a atualidade, as atividades de produção e comercialização do setor têxtil e confeccionista no Ceará passaram por diversas fases, períodos delimitados pela atuação do empresariado local do setor, iniciado com o grupo de empresários denominados “os pioneiros” no período de (1882- 1900) que ousaram ingressar no ramo têxtil, atividade sem precedentes na economia do estado. A segunda geração denominada de “os empreendedores”, atuaram durante o período entre (1900 - 1960) empresários de grande iniciativa e agressividade nos negócios, sempre em busca de oportunidades de investimentos, mesmo com risco, e inovando a forma de administrar suas empresas. (ARAGÃO, 2002).

A terceira fase, marcada principalmente pelos incentivos fiscais, com a atuação planejada do Estado por intermédio da SUDENE e BNB (34/18), consoante Muniz (2015, p.64), propiciou uma descentralização de atividades industriais, no qual as zonas industriais tradicionais localizadas na capital passaram a se expandir para outros espaços, formando novas zonas industriais, principalmente na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

As zonas industriais tradicionais compreendem a Av. Francisco Sá e os bairros no seu entorno; como também os bairros Antônio Bezerra, Mucuripe e Parangaba. Já as atuais zonas industriais são o Distrito Industrial (DI) de Maracanaú; a Zona Industrial do Eusébio; a Zona Industrial de Maranguape; além disto, temos o Eixo Industrial de Pacajus e Horizonte e o Complexo Industrial do Porto do Pecém (IDEM, 2015, p.65).

Ademais, conforme Cabral, Muniz e Sampaio (2019, p. 176), essa desconcentração proporcionou transformações espaciais, suscitando também a refuncionalização de espaços que antes eram atividades indústrias e que segundo os autores “atualmente apresentam como comércios, condomínios residenciais, entre outras atividades”, sendo assim, muitas dessas indústrias tradicionais citadas anteriormente acabaram sendo refuncionalizadas.

A quarta fase de desenvolvimento da indústria têxtil no estado do Ceará se estende dos anos 1980 até os dias atuais. Aragão (2002) estabelece esse período como “geração empresarial”, período caracterizado por crise econômica e escassez da matéria-prima; quanto a administração, assumem posturas equivalentes a empresários, envolvidos com a sociedade, profissionalizam suas empresas dando espaços de poder aos executivos na condução do negócio.

No início dos anos 1990 com os avanços das políticas neoliberais os estados passam para o capital transnacional o papel de formador de estratégias, cabendo ao estado a tarefa de parceiro mais importante nos programas desenvolvidos pelas agências das instituições internacionais.

Cano (2017, p. 276) contextualiza o período final dos anos 1980:

As medidas recomendadas pelo Consenso de Washington cobrem o conjunto de reformas do modelo neoliberal sugeridas oficialmente em 1989, implementadas, na América Latina, no final da década de 1980 sendo as reformas: financeira, interna, abertura comercial, estado, privatização de ativos públicos, reforma e privatização da previdência social (público e privado) e legislação sobre contratos de trabalhos.

Muniz (2019), referindo-se ao processo de reestruturação produtiva, afirma que ocorre na passagem do capitalismo industrial para o financeiro, no Brasil, somente na segunda metade dos anos 1980, evidenciam-se timidamente um novo paradigma tecnológico e produtivo e uma nova organização do trabalho e do espaço.

Nessa conjuntura, inicia-se o contexto de disputa entre os estados do Brasil, também chamado de guerra fiscal, que objetivava atrair indústrias para seus territórios. Santos e Silveira definem como a “guerra dos lugares”. Foi ao longo dos anos 1990 que o Ceará recebeu os incentivos para modernizar sua indústria no cenário da reestruturação produtiva.

No entanto, esta fase na qual a indústria cearense se encontra é produto da desconcentração de indústrias no Sudeste e a busca destas em diminuir os custos da produção. Santos e Silveira (2001) enfatizam que “algumas firmas nordestinas são apenas filiais de

empresas sulistas do setor têxtil e de confecções”. Neste processo, muitas indústrias se deslocaram estimuladas por incentivos fiscais e infraestrutura criados por iniciativa do governo do Ceará.

Silva (2009, p. 38) destaca a seguinte reflexão acerca da SUDENE, principal agência de fomento ao desenvolvimento econômico do Nordeste.

Celso Furtado não poderia imaginar a situação belicosa que se instaurou no Nordeste a partir dos anos 90. Tudo por uma indústria. Estados e municípios dilapidaram parte de seus recursos face uma perversa ‘guerra fiscal’. As exigências impostas pelas empresas em busca de incentivos é a mostra da ausência de um órgão catalisador das ações de desenvolvimento.

Sobre a reestruturação produtiva, Muniz (2016) enfatiza que alicerçada sobre a produção flexível, reorganizou o processo de controle da produção e força de trabalho, implementou novas técnicas gerenciais e produção de mercadorias, melhoramento de tecnologias, descentralizou a produção por meio de terceirizações ou realocação de indústrias. Consequentemente, essa reorganização resultou no encerramento das atividades de algumas empresas e na iniciação de outras, alteração da relação entre capital e trabalho, mudanças no consumo das pessoas e nos padrões de concorrência intercapitalista.

Santos e Silveira (2001) destacam que no século XX as atividades industriais se intensificaram no Brasil desencadeando alterações nos padrões urbanos, sociais, culturais e econômicos. Atraiu mais pessoas para a cidade que necessitavam de residências, lazer, locais de trabalhos, novas ruas e avenidas, escolas e hospitais. Estruturas que estão em constante construção, modificação e destruição.

Na sua “teoria do ajuste espacial”, Harvey (2013) explica sobre a necessidade do capital de moldar o espaço de acordo com as suas necessidades, como circulação de mercadorias e transportes para sua realização. A velocidade é um fator essencial no processo e que é incorporada no valor das mercadorias e para isso ser efetuado o capital é obrigado a modernizar e ampliar a rede de infraestrutura existente ou isso irá gerar a desvalorização local.

A dinâmica no território cearense intensifica-se como parte das ações desenvolvidas pelo Estado do Ceará voltadas à articulação com o setor privado, fundadas na implantação de serviços e construção de infraestrutura, na reestruturação do processo de produção, em

programas de capacitação, oferta de mão de obra barata, incentivos fiscais e demais atrativos locais, revelando a busca por sua inserção em face do quadro atual de competitividade mundial. (MUNIZ, 2015).

Verifica-se o esforço do Ceará em atrair novos investimentos, e para tanto foi necessário implantar ou reestruturar a infraestrutura existente. Ocorreu a abertura, duplicação e ampliação de rodovias (CE-040, CE-060, CE-085, BR-116, BR-222, BR-020).

O Estado do Ceará vem passando por muitas transformações evidenciadas, dentre outras coisas por meio da infraestrutura física, da integração do sistema de transporte, do aparato científico-tecnológico e das secretarias do Estado, dos cursos profissionalizantes, dos CVTs, Centecs, dos IFCEs, das universidades públicas e privadas, das escolas profissionalizantes, das políticas de incentivo à industrialização, da redução de impostos para indústrias que venham a se instalar no estado, com o objetivo de avançar na reestruturação do capital, notadamente para setores da indústria, do turismo, dos serviços e do agronegócio de exportação com base na agricultura irrigada (fruticultura, horticultura, floricultura) e na agroindústria a ela associada.

Acompanhando a tendência mundial, o Estado do Ceará tem no setor de serviços o maior destaque, como pode ser verificado no gráfico abaixo a preponderância deste setor que representava em 2008 - 71%, enquanto a indústria – 21%.

Gráfico 1- Valor Adicionado Bruto – (VAB) Participação dos setores da economia no Ceará 2008



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará - IPECE

Segundo dados do último ano (2018) fornecidos pelo IPECE, os serviços vêm apresentando crescimento no Estado, enquanto a indústria, assim como a agropecuária, vem apresentando queda.

Gráfico 2: Adicionado Bruto – (VAB) Participação dos setores da economia no Ceará 2018



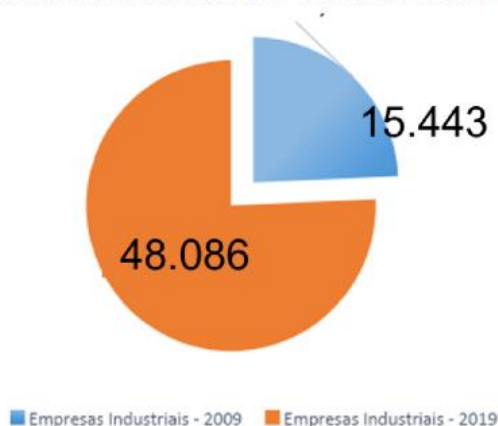
Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará - IPECE

Mesmo diante da busca por mudança no perfil industrial com investimento na indústria pesada (siderurgia) e indústria moderna com presença da indústria 4.0, ressalta-se que a indústria no Ceará tem predomínio no setor tradicional (alimento, calçados, têxtil e de confecção) com filiais de empresas nacionais e transnacionais.

A despeito do processo de desindustrialização no atual contexto, o Estado do Ceará vem apresentando crescimento industrial já que em 2009 era um total de 15.433 indústrias ativas no Estado e em 2019 o setor conta com um total de 48.086 industriais ativas, segundo dados do IPECE.

Gráfico 3 - Total de Indústrias ativas no Ceará 2009/2019

Empresas Industriais do Ceará 2009/2019



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará - IPECE

Do total de indústrias ativas no Estado, o destaque maior é para indústria de transformação, uma vez que do total de 48.086 indústrias em 2019, 44.118 são de transformação, apresentando um crescimento significativo na última década, já que em 2009 o Estado tinha um total de 12.659 indústrias de transformação ativas.

Gráfico 4: Total de Indústrias de transformação ativas no Ceará 2009/2019



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará - IPECE

Como parte da indústria de transformação que é a que se destaca no Estado, voltaremos nossa análise a seguir, notadamente para indústria têxtil e de confecção.

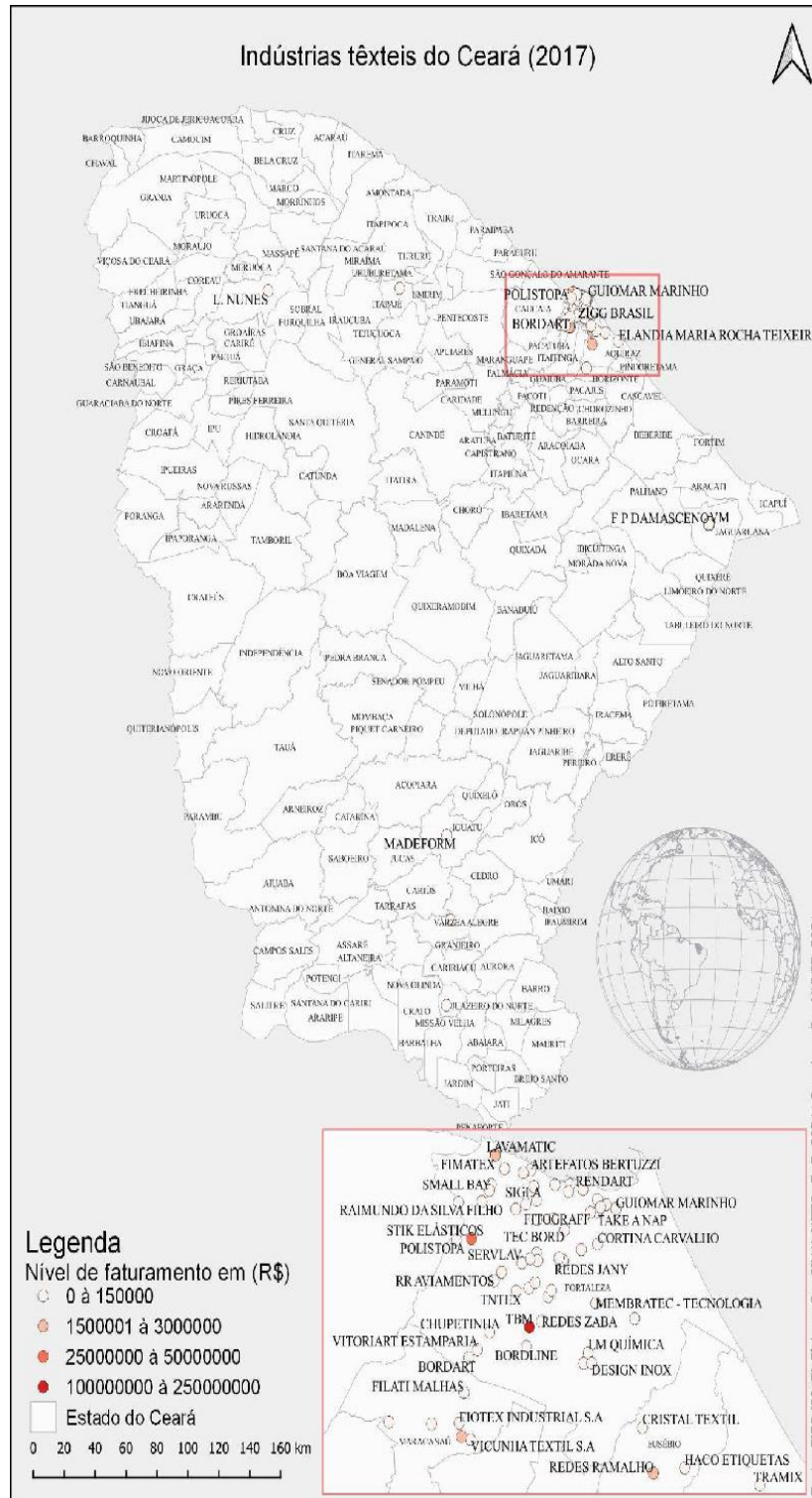
2. A INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECCIONISTA NO CEARÁ: ANÁLISES DOS ÚLTIMOS ANOS.

Conforme dados do IEMI (Instituto de Estudos e Marketing Industrial) o destaque maior no Ceará é para a indústria de confecção, acompanhando a tendência nacional, notadamente o segmento voltado para produção de vestuário. No segmento têxtil do Estado do Ceará, mesmo sendo o segmento de malharia o que se destaca, a representatividade maior sobre o País é no segmento de fiação.

O Ceará ocupava a 8ª colocação no ranking nacional e 1º do Nordeste com 305 indústrias têxteis, passou a ser a 10ª posição nacional e 3º do Nordeste com 235 indústrias têxteis, seguido por Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Piauí, Maranhão e Alagoas. No setor confeccionista, o Ceará, detinha 3064 indústrias, posicionando-o entre os dez (oitavo) estados do Brasil com o maior número de indústrias e o primeiro do Nordeste. Em 2019, o Ceará manteve a primeira posição no Nordeste, no entanto, mesmo com uma redução no número de indústrias confeccionista, 2.341, o Ceará alcançou a sétima posição em número de indústrias de confecção no Brasil.

Mesmo diante da representatividade do Ceará na economia regional, o Estado acompanha a tendência nacional de queda no número total de indústrias têxteis e confeccionistas. Não obstante, a economia urbana cearense tem no capital industrial têxtil (235) e confeccionista (2.341) o total de 2.576 indústrias, com destaque para a de confecção.

Mapa 1 - Indústrias têxteis no Ceará cadastradas na FIEC 2017



Fonte: Guia Industrial da FIEC 2017

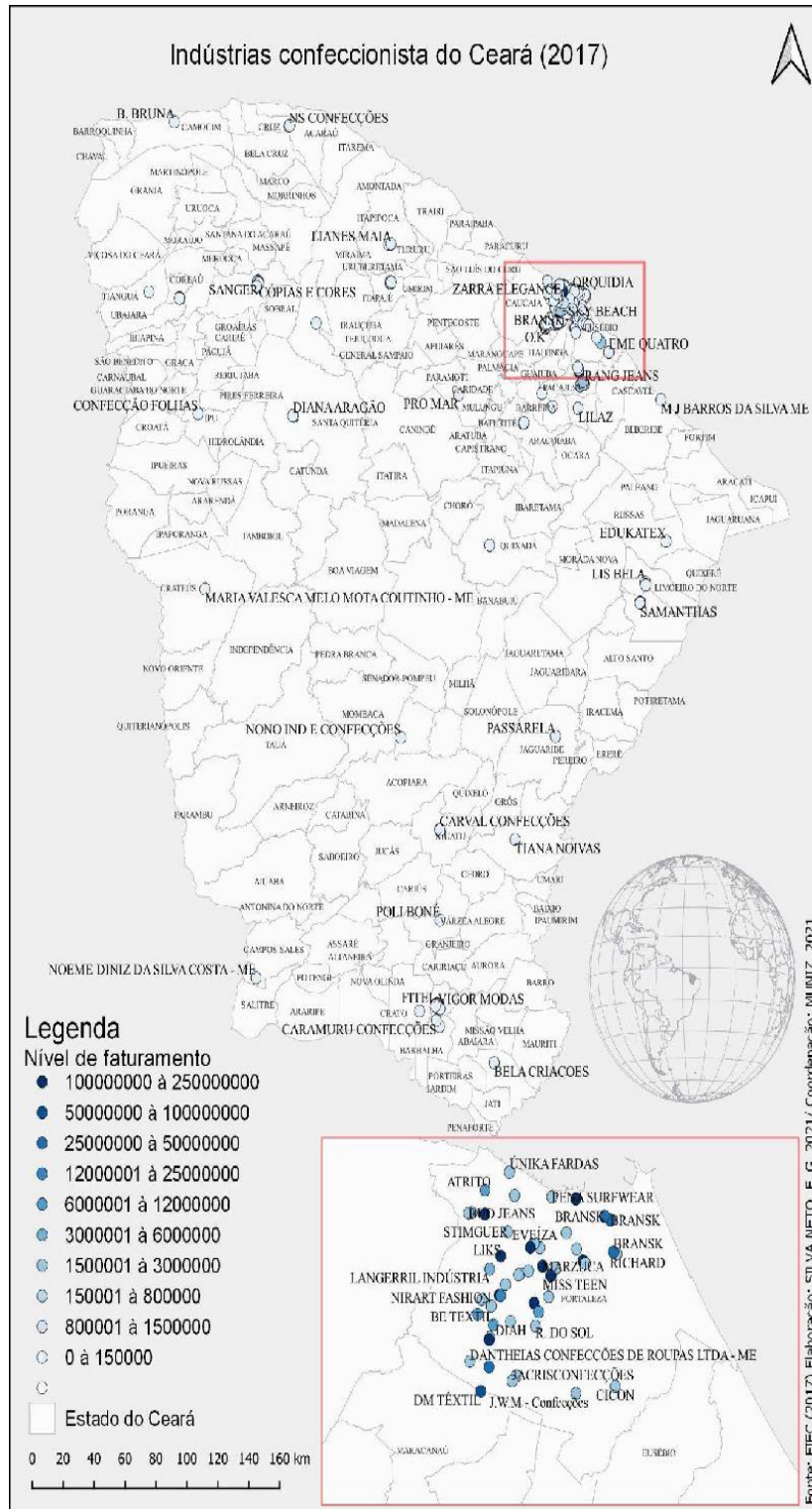
Dados fornecidos pela FIEC (mapas 1 e 2), apresentam a concentração das indústrias têxtil e confeccionista na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), sobretudo em Fortaleza. A RMF detém as sedes das empresas com o maior nível de faturamento no estado, como por exemplo a Têxtil Bezerra de Menezes - TBM, e a Unitextil, sediadas em Fortaleza, a Vicunha Têxtil S/A (Matriz em São Paulo) com 3 filiais em diferentes municípios da RMF (Maracanaú e Pacajus).

As indústrias de confecção são concentradas preponderantemente em Fortaleza, município onde predomina as indústrias com o maior nível de faturamento e quantidade de empregados de todo o estado.

Além da presença de capitais externos, ressalta-se os grupos econômicos originários do Ceará, com inserção na economia brasileira e internacional, Em Fortaleza, se localiza a Têxtil Bezerra de Menezes, além da Unitêxtil, produtora de tecidos. Em Jaguaruana, a Jaguar Têxtil e a Multicor, que produzem fios para a confecção de produtos têxteis, em Maracanaú, Cotece, Filati e Jangadeiro Têxtil, fabricantes de malhas, além da Delfa, produtora de bojos para moda íntima e fitness. Em Horizonte fica a Santana Têxtil, que produz denim, tecido utilizado para a fabricação de peças em jeans. No ramo confeccionista podem ser citadas, em Maracanaú, a Rihomo, que é especializada na fabricação de roupas íntimas masculinas e femininas. Em Fortaleza fica localizada a Guararapes, pertencente ao grupo Guararapes, o qual também é dono da Riachuelo.

Após análise dos dados do Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS quanto ao capital industrial têxtil no Estado foram constatados a maior quantidade de indústrias têxteis na Região Metropolitana de Fortaleza.

Mapa 2 - Indústrias confeccionista no Ceará cadastradas na FIEC 2017.



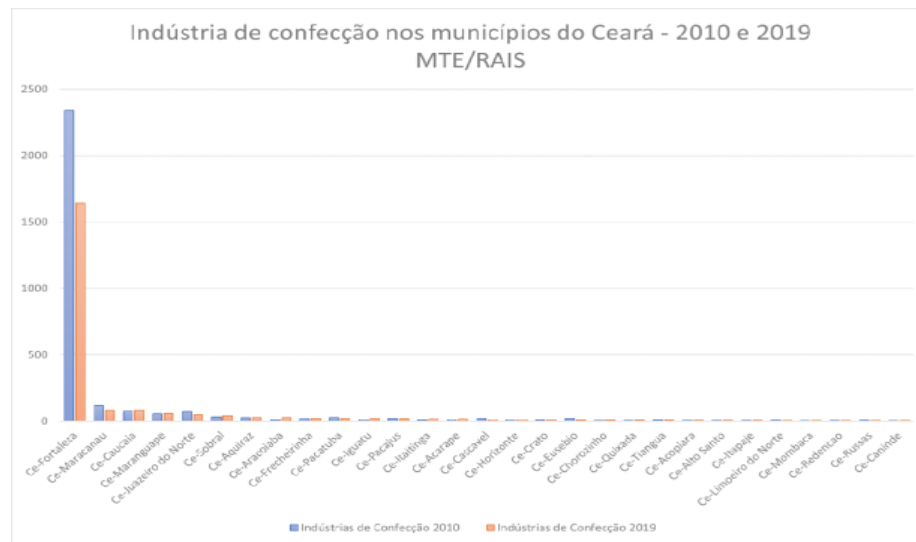
Fonte: Guia Industrial da FIEC 2017

salientando-se que, fora do ambiente metropolitano, a dinamização industrial escolhe as áreas polarizadoras de segunda ordem para desenvolver a sua produção.

Quanto à indústria confeccionista no Ceará (Gráfico 6), a capital possui assim como a atividade têxtil grande parte das indústrias de confecção, no entanto, entre os anos de 2010 e 2019 é perceptível uma queda no número dessas indústrias. Dados da RAIS mostram que em 2010 existiam em Fortaleza 2.342 indústrias de confecção e passou para 1.641 em 2019. Assim, como o quantitativo industrial têxtil, a produção confeccionista no Estado tem destaque no espaço metropolitano, estando Maracanaú se sobressaindo após a capital, embora venha apresentando queda na última década, pois de 121 indústrias de confecção em 2010 passa em 2019 para 81, Caucaia é o terceiro município com maior número de indústrias de confecção, apresentando crescimento de 75 para 80 indústrias desse segmento, Maranguape como quarto município em destaque no capital industrial confeccionista também vem apresentando crescimento de 55 para 60 indústrias de confecção. No Estado do Ceará também temos representatividade do capital industrial confeccionista no município de Juazeiro do Norte que vem apresentando queda na última década de 73 para 49 indústrias de confecção e em Sobral que vem crescendo o quantitativo industrial confeccionista passando de 33 em 2010 para 42 indústrias confeccionistas em 2019.

Quanto à indústria confeccionista no Ceará (Gráfico 6), a capital possui assim como a atividade têxtil grande parte das indústrias de confecção, todavia, entre os anos de 2010 e 2019 é perceptível uma queda no número dessas indústrias. Dados da RAIS mostram que em 2010 existiam em Fortaleza 2.342 indústrias de confecção caindo para 1.641 em 2019. Assim, como o quantitativo industrial têxtil, a produção confeccionista no Estado tem destaque no espaço metropolitano, estando Maracanaú se sobressaindo após a capital, embora venha apresentando queda na última década, pois de 121 indústrias de confecção em 2010 passa em 2019 para 81.

Gráfico 6 – Indústria de confecções nos municípios do Ceará em 2010 e 2019



Fonte: Relatório Anual de Informações Sociais - RAIS/2010 e 2019

Essa redução no número de indústrias na capital pode ser relacionada à procura dos empresários por abatimentos no ICMS pois é menor (45%) para as indústrias que se instalam na capital (MUNIZ, 2016). Através do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) o Ceará cria uma série de benefícios a instalação de empreendimentos industriais, fornecendo incentivos fiscais para promover a industrialização e o desenvolvimento do Estado. O FDI se consolidou, nos últimos anos, como uma das principais políticas de desenvolvimento econômico do Ceará, principalmente focada na atração de indústrias para o Estado.

Leite (2020, p. 15) traz a informação que essa prática seja bastante utilizada no pós-pandemia.

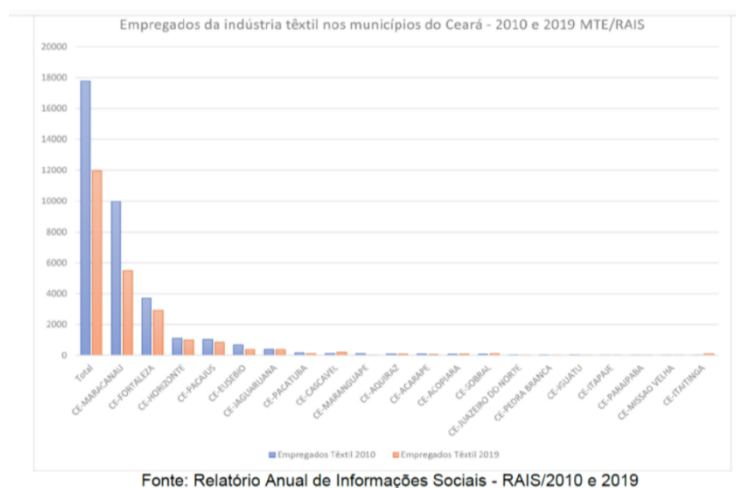
Utilizada fortemente pelo Governo do Ceará desde a década de 1990 para atrair investimentos ao Estado, a política de incentivos fiscais deve ganhar ainda mais destaque no atual cenário de crise, onde as empresas tendem a buscar melhores condições para continuar produzindo. Neste cenário, os programas municipais, estaduais e federais disponíveis para quem escolher o Ceará como destino despontam como diferenciais perante outras regiões e podem ser decisivos para que a economia cearense reaqueça mais rapidamente no pós-pandemia.

Muniz, (2016. p. 432) também destaca a implementação dos fatores locacionais pelo governo estadual para a instalação e permanência das empresas no Ceará.

Assim, dentre os atrativos para alocação de indústrias embasados na política industrial, temos: a oferta de mão de obra, bem como serviços de água, esgotamento sanitário, energia, gás, portos e aeroportos, construção de estradas, sistemas técnicos ligados às comunicações, a oferta de distritos industriais que acompanha a infraestrutura necessária ao funcionamento das indústrias, mais recentemente os esforços de desconcentração regional têm envolvido a concessão de incentivos fiscais, com a isenção ou alíquota diferenciada de impostos.

Destarte, diante da representatividade da indústria têxtil e confeccionista no Estado do Ceará, é imprescindível analisar seu papel quanto a empregabilidade e o perfil dos trabalhadores.

Gráfico 7 – Empregados da indústria têxtil nos municípios do Ceará em 2010 e 2019



O número de trabalhadores da indústria têxtil (Gráfico 7) segundo dados da RAIS em 2019, teve destaque na RMF, com a liderança do município de Maracanaú com 5483 empregados, seguido por Fortaleza (2912), Horizonte (990), Pacajus (856) e Eusébio (384). Jaguaruana, no Vale do Jaguaribe, possuía 378 empregados. Em comparação com o ano de 2010, todos os municípios citados tiveram seus estoques de empregos reduzidos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que ao mesmo tempo em que o território cearense permanece com relevante participação no capital industrial, acompanhando a tendência mundial, o Estado do Ceará, revela o destaque no setor de serviços.

O desenvolvimento da indústria têxtil e confeccionista no Ceará está intrinsecamente relacionado com o contexto sócio-histórico e econômico de formação e ocupação do espaço cearense.

A atividade têxtil e confeccionista é um setor pioneiro na industrialização cearense, com 140 anos de existência, possui grande relevância na economia do Ceará, ao posicionar o estado entre os primeiros do país em número de empresas e pessoal empregado.

Foi possível constatar pela análise de dados na última década segundo o RAIS que de um total de 2.576 indústrias têxteis e de confecção em 2019, com destaque para de confecção, ocorre uma redução no quantitativo industrial têxtil e confeccionista no território cearense, uma vez que em 2010 era de 3.369.,

A produção têxtil e confeccionista se concentra predominantemente no espaço metropolitano, embora possamos observar uma difusão para alguns municípios da RM do Cariri, RM de Sobral e Baixo Jaguaribe, além de uma tímida presença nos demais municípios do território cearense

Como vimos, o capital industrial têxtil se concentra na RMF, com destaque para a capital e na sequência Maracanaú. Para além da Região Metropolitana de Fortaleza tem também representatividade no capital industrial têxtil o município de Jaguaruana, no Baixo Jaguaribe e Juazeiro do Norte, na região metropolitana do Cariri.

A indústria de Confecção, que também vem apresentando redução em seu quantitativo no Estado, predomina em Fortaleza e alguns municípios do espaço metropolitano, como Maracanaú, Caucaia e Maranguape. Para além da RMF, tem representatividade no quantitativo industrial confeccionista do Estado, o município de Juazeiro do Norte, na região metropolitana do Cariri e Sobral, na RM de Sobral.

Constatou-se que tanto a indústria têxtil como a de confecção estão em sua maioria em Fortaleza e em sua Região Metropolitana, sendo um fenômeno ainda bem concentrado. Este fato deve-se ao que Muniz (2014) chama de descentralização produtiva concentrada, no qual as indústrias tradicionais localizadas em Fortaleza, por intermédio de diversos incentivos, vêm se realocando para outros municípios do território cearense, mas ainda se concentram na Região Metropolitana.

Tanto na indústria têxtil como na de confecção vem tendo uma redução no número de empregos gerados, o que se explica pelo contexto de crise e inflexão, enquanto em 2010 constitui período do experimento desenvolvimentista com reflexo positivo nos investimentos produtivos e volume de emprego.

Embora seja Fortaleza que apresenta o maior número de indústrias têxteis, é o município de Maracanaú que se sobressai no número de empregos gerados, devido presença de indústrias como as duas unidades da Vicunha que emprega mais de 3 mil trabalhadores segundo estudo de tese de Muniz (2014), em seguida tem-se Fortaleza (TBM têxtil e Coats Corrente cada uma com mais de 2 mil trabalhadores), considerando o espaço metropolitano como lócus do capital têxtil e confecção, o volume de empregos também se destaca no metropolitano, na sequência tem destaque no número de empregos gerados, os municípios de Horizonte (Santana Têxtil com mais de mil trabalhadores), Pacajus (Unidade III da Vicunha com mais de mil trabalhadores) e para além do espaço metropolitano se destaca na empregabilidade têxtil, o município de Jaguaruana, já apontado como destaque no capital têxtil após o espaço metropolitano de Fortaleza. Quanto à representatividade da indústria de confecção na empregabilidade do Estado do Ceará (54.063 trabalhadores), é na capital que se sobressai o quantitativo de emprego na indústria confeccionista, se concentrando na RMF e para além desta nos municípios de Juazeiro do Norte, na RM do Cariri e Sobral, na região metropolitana de Sobral.

REFERÊNCIAS

ABIT. Retomada efetiva do setor têxtil e de confecção no 1º semestre de 2021. Disponível em: <https://texbrasil.com.br/pt/abit-aponta-retomada-no-setor-textil-no-1o-semester-de-2021/>. Acesso em: 06/12/2021 às 16 horas.

AMORA, Z. B. Indústria e espaço no Ceará. In. SILVA, J. B. da, CAVALCANTE, T. C. e

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza (org.). O Fiar e o Tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará. Fortaleza: Sinditêxtil/ Fiec, 2002. 368 p.

CABRAL, João Marcos Tavares, MUNIZ, Alessandra Maria Vieira; SAMPAIO, Patrícia Marques. A dinâmica industrial na Região Metropolitana de Fortaleza no contexto da reestruturação produtiva e espacial. Revista Pegada, v.20, n.2, 2019.

CANO, Wilson. Brasil: Construção e desconstrução do desenvolvimento. Campinas: Economia e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 2 (60), p. 265-302, ago. 2017. 34

HARVEY, David. Os limites do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

IBGE. PIB cai 9,7% no 2º trimestre de 2020. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28721-pib-cai-9-7-no-2-trimestre-de-2020>.

IBGE. PIB fica em 0,1% no 2º trimestre de 2021. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/pt/2013-agencia-de-noticias/releases/31494-pib-fica-em-0-1-no-2-trimestre-de-2021.html>.

LEITE, Áquila. Ceará aposta em incentivos fiscais para reaquecer economia no pós-crise *

Disponível em: <https://www.trendsce.com.br/2020/07/02/ceara-aposta-em-incentivos-fiscais>
Acesso em: 01 out. 2021.

MUNIZ, ALEXSANDRA M. V.; SILVA, José Borzacchiello; COSTA, Maria Clélia Lustosa; SILVA, R. M.; CABRAL, J. M. T. . Economia urbana e mercado de trabalho na Região M de Fortaleza. In: Marcelo Gomes Ribeiro; Maria do Livramento Miranda Clementino. (Org.). Economia metropolitana e desenvolvimento regional: Do experimento desenvolvimentista à inflexão ultraliberal. 1ed. Rio de Janeiro: IPPUR, 2020, v. 1, p. 30-55. 35

MUNIZ, Alexandra M. Vieira. **Reestruturação Produtiva Industrial e as Consequências Sociais e Espaciais**. Revista Espaço e Economia. Rio de Janeiro, 2019.

MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. Produção do espaço metropolitano. Revista Mercator. V.14, n.3, p-61-74. Fortaleza, 2015.

MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. **A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza**. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014.

MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. O Ceará e a Indústria Têxtil no tempo-espaço. Boletim Goiano de Geografia, v. 36, n.3, p.420-443. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2016

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. A Industrialização como Vetor de Modernização Econômica: abordagens sobre o espaço industrial no Ceará. Curitiba: Revista Paranaense de Desenvolvimento, 2012. 18 p.

RIBEIRO, L. C. Q. As metrópoles e o direito à cidade na inflexão ultraliberal da ordem urbana brasileira. Texto para discussão interna. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles, dez. 2017.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SILVA, J. B. da. Características Gerais da Região Metropolitana de Fortaleza. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, COSTA, Maria Clélia Lustosa (Orgs.). **Vulnerabilidade socioambiental na região metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.